

**CELSO GRECCO**

PREFÁCIO POR FÁBIO C. BARBOSA

VOCÊ TAMBÉM  
PODE DEIXAR  
UM LEGADO  
PARA O MUNDO

# A DECISÃO DE QUE O MUNDO PRECISA



7 caminhos para você sair da indiferença e fazer  
algo pelo futuro da nossa sociedade

*Gente*  
editora

Materiais com direitos autorais

**Diretora**

Rosely Boschini

**Gerente Editorial**

Carolina Rocha

**Assistente Editorial**

Franciane Batagin Ribeiro

**Controle de Produção**

Fábio Esteves

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Vivian Oliveira

**Capa**

Rafael Brum

**Imagem de capa**

Hobbit/Shutterstock

**Preparação**

Mariane Genaro

**Revisão**

Andréa Bruno e

Renata Lopes Del Nero

**Produção digital**

Loope Editora | [www.loope.com.br](http://www.loope.com.br)

Copyright © 2019 by Celso Grecco

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.

Rua Wisard, 305, sala 53,

São Paulo, SP – CEP 05434-080

Telefone: (11) 3670-2500

Site: [www.editoragente.com.br](http://www.editoragente.com.br)

E-mail: [gente@editoragente.com.br](mailto:gente@editoragente.com.br)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Grecco, Celso

A decisão de que o mundo precisa: 7 caminhos para você sair da indiferença e fazer algo pelo futuro da nossa sociedade / Celso Grecco. - São Paulo: Editora Gente, 2019.

ISBN 9788545203308

1. Negócios - Responsabilidade social 2. Associações sem fins lucrativos 3. Organizações não-governamentais 4. Problemas sociais 5. Ética ambiental I.

Título

19-1115

CDD 658.048

---

**Índice para catálogo sistemático**

1. Responsabilidade social

# Sumário

**AGRADECIMENTOS**

**PREFÁCIO**

**INTRODUÇÃO**

**CAPÍTULO 1**

**EU SOU NÓS. NÓS SOMOS EU**

**CAPÍTULO 2**

**ÉTICA PARA O NOVO MILÊNIO**

**CAPÍTULO 3**

**O CAÇADOR DE ANJOS**

**CAPÍTULO 4**

**SOMOS AQUILO QUE DESPERTAMOS EM NÓS MESMOS**

**CAPÍTULO 5**

**ESCOLHA SUA CAUSA PESSOAL**

**CAPÍTULO 6**

**DEDIQUE-SE. 1% JÁ É UM COMEÇO**

**CAPÍTULO 7**

**PASSE DIGNIDADE ADIANTE. ELA É CONTAGIANTE**

**CAPÍTULO 8**

**GANHE DINHEIRO FAZENDO O BEM**

**CAPÍTULO 9**

**USE O PODER DO SEU DINHEIRO**

**CAPÍTULO 10**

**ESCOLHA TRABALHAR EM EMPRESAS COM PROPÓSITO**

**CAPÍTULO 11**

**ACREDITE: COISAS PEQUENAS TAMBÉM TRANSFORMAM**

CAPÍTULO 12

**NADA NESTE LIVRO PODE TER SERVIDO PARA VOCÊ**

CAPÍTULO FINAL

**A DECISÃO DE QUE O MUNDO PRECISA**

# AGRADECIMENTOS

**B**ernard Lievegoed foi o psiquiatra e escritor holandês a quem é atribuída a frase “uma atitude realmente social na vida é ajudar o outro a dar o próximo passo na direção do seu desenvolvimento pessoal”. Este livro foi um passo que não poderia ter sido dado sem pessoas que foram fundamentais no meu caminho.

Rosely Boschini, que melhorou a ideia inicial e me provocou dizendo que a Editora Gente não lançava livros, lançava autores. Carolina Rocha, minha editora que viu nascer cada capítulo, Franciane Batagin Ribeiro, Fabrício Santos, Anna Gobatto

e toda a equipe da Gente que faz com que você se sinta como se fosse o único autor lançando um livro naquele ano.

Vera Cordeiro, Fabio Bibancos, Eugenio Scannavino, Caetano Scannavino, Ralf Toenjes, Lidia Muradas, Mariangela (e Marcio) Oliveira por emprestarem suas histórias de vida e ajudarem a dar sentido a este livro. Diacuy Mesquita por literalmente tentar encontrar meu melhor ângulo na sessão de fotos.

Edemir Pinto pela maneira inconformada e entusiasmada com a qual enxerga os desafios sociais do país, Fábio Barbosa por ser sempre uma inspiração para todos que o conhecem, agora ainda mais para mim.

É impossível citar todos, mas algumas pessoas estiveram particularmente próximas nos últimos anos e nos principais projetos aos quais me dediquei: Melissa Abla, conselheira e braço direito de todas as horas. Sonia Favaretto, Rosi Pedrosa, Monica de Roure, Patricia Lobaccaro e Cecilia Cruz, pela bonita e divertida leveza que foi a joint venture social. Fernando Leite, Percival Caropreso e Glen Martins, por todos os projetos em cocriação. Nicolla Raggio, por ensinar que não é preciso ir longe para ser feliz, PC Bernardes e Maranhão Veigas, por certamente concordarem com essa ideia desde que acrescentemos poesia e espiritualidade na mais curta ou mais longa das caminhadas. Adair Meira, Valdinei Valerio e Marcia Dias, pelas inspirações na luta incansável da inclusão social.

Na Alemanha, Maritta Kochweser, pela parceria internacional e por acreditar em mim e no Brasil. Na Inglaterra, Malcolm Hayday que, à frente do primeiro banco sem fins lucrativos do mundo, entendeu e sustentou minha proposta de ser “um banco diferente, para gente que quer um mundo diferente”. Em Portugal, Ivone Stepansil, Claudia Pedra, Suzana Pereira Rocha, Rute Vasco, Sergio Figueiredo, Guilherme Collares Pereira e Salvador Cunha pela caminhada juntos recheada de desafios, mas também repleta de bom humor e risadas.

Um pedaço da decisão de que o mundo precisa mora em cada uma das pessoas que encontrei ao longo desse caminho. Espero que você se junte a essa minha turma. Nossos caminhos não se cruzam à toa.

# PREFÁCIO

**A**o começar a ler *A decisão de que o mundo precisa*, percebi logo quanto o Celso Grecco e eu temos uma maneira parecida de ver o mundo e falamos dos mesmos conceitos apenas com palavras e metáforas um pouco diferentes. Por isso, é um prazer escrever este prefácio, enriquecendo o meu repertório.

A sociedade está mudando e o seu funcionamento em rede transformou o modo como influenciemos e somos influenciados por todos os stakeholders. A sociedade hoje é interdependente e, para resolver problemas complexos como os que se apresentam, precisamos de uma visão sistêmica. Grecco mostra já na introdução do livro como a natureza pode nos ensinar a praticar essa visão: “[...] Sociedades são organismos vivos nos quais as pessoas precisam funcionar em conjunto, precisam se conectar umas às outras”.

No afã de contribuir para a construção de um mundo melhor, não podemos perder o indivíduo como ponto de referência. A forma como o autor mostra no primeiro capítulo que, para contribuir para a sociedade, o indivíduo precisa se ver como agente de transformação e, para tanto, deve ter muito claro seus valores e seu propósito é o que torna mais interessante a leitura.

A meu ver, é fundamental colocar os valores como centro do debate público. São esses valores inspiradores que devem orientar nossas escolhas em termos de amizades, de parcerias e de emprego.

Em muitas ocasiões, tenho visto pessoas muito céticas vindo até mim e dizendo: “Para passar pela vida, você tem que transigir. Para passar pela vida, você tem que encontrar os atalhos”. Nunca segui esse caminho, talvez por causa de fortes valores familiares, talvez por causa do DNA forte, talvez porque eu não tenha a habilidade ou o talento para fazê-lo. O melhor é sempre optar pelo caminho da transparência, do respeito, como maneira de orientar o nosso dia a dia. Acredite, portanto, na força de seus valores. Acreditar em minhas escolhas, seguindo minha intuição, minha vocação e sempre buscando fazer o que eu gosto, dentro de meus valores, foram atitudes que ajudaram muito para que eu tivesse realização no trabalho e felicidade na vida.

O projeto de sustentabilidade empreendido pelo Banco Real / ABN Amro no Brasil há 20 anos – e a enorme gama de iniciativas que o apoiavam –, buscava mostrar este caminho. Mais do que um modelo de gestão, a sustentabilidade é, em última análise, a melhor maneira de expressar minha convicção de que é possível “dar certo fazendo a coisa certa, do jeito certo”. Aqui o passado faz uma conexão direta com o presente e com a forma que Celso Grecco apresenta sustentabilidade no segundo capítulo. Tendo o cuidado de mostrar a sustentabilidade como ética inspiradora e não como uma ética restritiva como é habitual. Milton Friedman disse certa vez: “*The business of business is business*”, algo como “o negócio dos

negócios são os negócios”. Acho que cabe uma adaptação: “O negócio dos negócios são os negócios sustentáveis”. Esse ajuste reflete melhor a realidade, pois as empresas precisam existir por muitos anos em uma sociedade em constante mudança. A sustentabilidade é agora uma nova maneira de criar vínculos com clientes, funcionários, fornecedores e acionistas, de modo que todas as empresas de todos os setores precisam encontrar suas próprias maneiras de inseri-las em seus negócios principais.

Grecco define a ética do novo milênio como a escolha de um propósito e a atuação a partir dele. Há alguns anos, em um artigo chamado “*Meaning is the new money*”,<sup>1</sup> em português algo como “Significado é a nova moeda”, a americana Tamara J. Erickson escreve: “Para muitos hoje, o significado é a nova moeda. É o que as pessoas estão procurando no trabalho. Valores claros das empresas, traduzidos para a experiência de trabalho do dia a dia, são um dos principais impulsionadores de uma força de trabalho engajada”.

Eu diria que, ao falar de propósito ao longo do livro, e mais especificamente no capítulo dez, Grecco registra “espírito do tempo” (*zeitgeist*) da nova geração. Os millennials, como são conhecidos, representam a nova força de trabalho, além de uma atividade profissional com propósito, possuem um modelo mental mais aberto, com uma visão empreendedora e um olhar para o coletivo. Para essa geração, a frase de Gandhi faz mais sentido do que para qualquer geração anterior: “Não há caminho para a felicidade, a felicidade é o caminho”.

No capítulo onze, Grecco traz o exemplo da garota sueca Greta Thunberg, que, com apenas 16 anos, tem chamado a atenção do mundo todo para as mudanças climáticas. Esses

jovens são cada vez mais conscientes em relação aos assuntos éticos, ambientais e sociais e balizam suas decisões de carreira, de consumo e até de investimentos em valores. O que faz com que, para eles, não seja mais aceitável a postura de quem acha suficiente “passar a caneta no cheque e assim passar a borracha na consciência”. É fundamental a maneira que se obtém resultados e não apenas os resultados que se obtém. No capítulo três, o autor descreve alguns caminhos possíveis até o lucro social.

Adicionalmente, no capítulo nove, Celso Grecco fala de um novo campo para o qual eu tenho olhado com muita atenção: os investimentos de impacto. Até meados dos anos 1990, tínhamos o conceito do “dar de volta”, do inglês *give back*, ou seja, os negócios e as ações sociais eram assuntos completamente separados. Em seguida, até por volta de 2010, as empresas perceberam que a sustentabilidade tinha que estar intrinsecamente ligada ao negócio, só assim as ações seriam efetivas. E, a partir de 2015, começou a onda dos investimentos de impacto, a busca pelo “e” e não pelo “ou”, oportunidades de investimento que geram resultado financeiro e impacto social/ambiental. Estima-se que cerca de 23 bilhões de dólares do mercado financeiro global seja classificado como investimento de impacto e que esse número esteja crescendo.

No capítulo doze, Grecco fala sobre a necessidade de exercermos a cidadania ativa de forma bem colocada. Frequentemente em entrevistas e conversas com jovens, as pessoas me perguntam: “O que tira você da cama?”. E eu respondo que o que me motiva é a crença de que “não é assim

mesmo, não precisa ser assim mesmo, se a gente não quiser que seja assim mesmo”.

Nós só podemos evoluir como sociedade se aceitarmos o equilíbrio entre direitos e obrigações – e se compreendermos que não podemos simplesmente continuar cobrando dos governos soluções e ações, mas devemos também participar e contribuir por meio de nossas ações cotidianas. Limpar o país é tarefa grandiosa demais para um indivíduo, mas se cada um fizer a sua parte a tarefa fica mais fácil. Como diz o ditado: “Se cada um varrer a sua calçada, o país estará limpo”.

Depende de cada um de nós. Uma sociedade saudável só se constrói se estivermos calçados em valores sólidos e sempre agindo com total transparência. Tudo começa com a priorização da educação de qualidade, que engloba não apenas o conhecimento, mas também valores e princípios. A sociedade e o mundo são feitos de nossas atitudes. A boa perspectiva é que está se espalhando a mensagem de que cada um de nós é um protagonista. É uma nova fronteira, uma nova abordagem, e todos os cidadãos devem participar.

Eu convido você a embarcar nessa leitura e Celso Grecco fará um convite ao fim. Vamos ver se você topa?

*Fábio C. Barbosa*

---

1. ERICKSON, Tamara J. “Meaning Is the New Money”. Harvard Business Review, Estados Unidos, mar. 2011. Disponível em: <<https://hbr.org/2011/03/challenging-our-deeply-held-as>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

# INTRODUÇÃO

**E**ste não é mais um livro de autoajuda. Embora, talvez, você o tenha encontrado na seção de livros do gênero, não foi com essa intenção que eu o escrevi.

Isso, porém, não significa que este livro não possa cumprir com o propósito de fazer você **uma pessoa melhor** – para si mesma, para sua família, para a sociedade, para o nosso país e para o nosso planeta.

Acho que livros de autoajuda ou de desenvolvimento pessoal são importantes e têm seu espaço na vida das pessoas. Eles são capazes de decodificar as crenças limitantes e as barreiras que as impedem de melhorar a autoestima, de alcançar progressos profissionais, de conquistar o que para elas signifique sucesso e felicidade.

No entanto, as pessoas que procuram livros de autoajuda talvez não se deem conta de que, nessa busca, há um aspecto que não tem a ver apenas com dificuldades pessoais ou com a falta de instrumentos para alcançar o sucesso. É esse aspecto faz toda a diferença para a trajetória de vida que cada um de nós quer construir.

Penso que, muitas vezes, autores e leitores de livros do gênero ignorem um princípio da biologia, uma espécie de lei que nos rege desde que os primeiros seres começaram a habitar o planeta Terra, há bilhões de anos: **a interdependência**.

Imagine, por exemplo, o seu corpo. Ele se desenvolve e funciona desde que você foi gestado no útero, regido por um sistema biológico que se organiza e se autorregula o tempo todo, sem a sua interferência. Você não precisa comandar o seu coração para que ele bata ou seu pulmão para que ele encha-se e esvazie-se de ar nem o seu sistema imunológico para que ele o defenda de vírus e bactérias.

Olhe a natureza. As plantas, as florestas, os rios, os mares, as algas marinhas e os corais também são seres vivos organizados por um sistema biológico que rege o funcionamento, sem que seja necessária a intervenção humana.

É justamente quando nos desequilibramos que nosso corpo fica doente ou, ainda, é quando intervimos de forma errada na natureza que ela se compromete.

Se observarmos os princípios que a biologia do nosso corpo e da natureza nos ensina, e se refletirmos sobre a forma como conduzimos nossa vida individualmente e, sobretudo, em sociedade, podemos aprender muito a respeito do valor das relações de **interdependência** que **cada um de nós** tem com a sociedade, assim como **a sociedade** tem com cada um de nós.

A questão é que, ao contrário do nosso organismo ou da natureza que funcionam sem que precisemos interferir, em sociedade temos de tomar decisões individuais e coletivas o tempo todo para que as coisas funcionem bem. Quando tomamos decisões erradas ou quando nos omitimos, as coisas funcionam mal.

Desde que entramos neste milênio, estamos vivendo uma das mais fascinantes eras da história da humanidade. A tecnologia, a inteligência artificial e a internet estão

revolucionando a forma como nos relacionamos com nossos pares, com a sociedade e com o planeta.

Soluções que em um passado recente seriam cabíveis apenas na ficção científica estão cada vez mais disponíveis e vão impactar nossa vida em todas as suas dimensões.

No entanto, é também provável que nunca tenha sido tão necessário prestarmos atenção em como estes novos tempos podem refletir nas nossas mais básicas qualidades humanas, como **empatia, solidariedade** e o sentimento de pertencermos a **uma comunidade**.

Os avanços no campo da tecnologia e da ciência podem nos levar a Marte ou nos propiciar a convivência com sistemas autônomos e inteligentes que vão tomar decisões que, antes, somente pessoas poderiam fazer.

Ainda assim, esses avanços não foram capazes de suprimir desigualdades ou de nos poupar de um sentimento de impotência diante de situações de injustiça social, violência ou degradação ambiental.

Por que nos sentimos assim? Será que é porque também **nos sentimos sozinhos** para agir? Estamos sozinhos ou nos isolamos? Seja qual for a resposta, aceitarmos esse sentimento de solidão ou nos isolarmos não nos fará bem.

Dr. Robert Waldinger, em palestra no evento TEDxBeaconStreet, apresenta a pesquisa “Estudo Harvard do Desenvolvimento Adulto”<sup>2</sup>, conduzida desde 1938 pela Universidade Harvard nos Estados Unidos, a qual demonstrou claramente isso.



# ESTES NOVOS TEMPOS PODEM REFLETIR NAS NOSSAS MAIS BÁSICAS QUALIDADES HUMANAS, COMO EMPATIA, SOLIDARIEDADE E O SENTIMENTO DE PERTENCERMOS A UMA COMUNIDADE.



Essa pesquisa científica, provavelmente a mais longa já feita (são mais de oitenta anos ininterruptos de coleta de dados, análises e acompanhamentos), buscou entender os fatores que determinam a saúde física, a saúde mental e a **felicidade** das pessoas.

O estudo começou a acompanhar, naquele ano, a vida de 724 pessoas, 60 das quais ainda estão vivas e seguem anualmente monitoradas, quando escrevo este livro.

Recentemente, os filhos e netos dessas pessoas passaram a ser incluídos na pesquisa.

A principal conclusão é a de que **peçoas que se conectam com outras** vivem mais porque descobrem, nessa conexão, uma importância maior para a vida, até mesmo em comparação a necessidades básicas como saúde e educação. Ou seja, é na relação com o outro que nossa vitalidade, motivação e energia **se abastecem e nos renovam**.

Ao comentar os resultados da pesquisa, o psicanalista Robert Waldinger, atual diretor do estudo, recorre a um ditado atribuído a dalai-lama, que diz: “A pessoa que é sábia, mas egoísta, cuida dos outros”.

Em outras palavras, se quisermos cuidar de nós mesmos (e sermos felizes e vivermos muito), um bom caminho é começar a cuidar dos outros. O egoísmo pode ser também um dos maiores gestos humanos de solidariedade.

Em tempos em que falamos tanto sobre a busca por um propósito, esse pode ser um significado transformador para nossa vida. Conexão com o outro. Reconhecimento do valor da interdependência em sociedade.

Não nascemos para sermos sozinhos. Contudo, muitas vezes, sem perceber, mesmo que possamos estar 24 horas do nosso dia conectados, uma sensação de que estamos sós nos traz um fundo de angústia ou de ansiedade.

No início de 2019, como faz todos os anos, o Fórum Econômico Mundial que acontece em Davos, na Suíça, apresentou o “Relatório de Riscos Globais”<sup>3</sup>. O documento é produzido com base em entrevistas feitas com cerca de mil

decisores pertencentes aos setores público e privado, à academia e à sociedade civil.

Entre as preocupantes tendências que o relatório aponta, talvez a mais delicada seja o enfraquecimento das respostas coletivas para fazer frente aos problemas globais. Estamos mergulhando cada vez mais fundo em problemas dos quais, sem um esforço coletivo, não vamos emergir.

Na análise da percepção dos riscos para o nosso planeta, além de apontar um agravamento das mudanças climáticas e das tensões econômicas entre países, o relatório traz um dado estarrecedor: estima-se que cerca de **700 milhões de pessoas** no mundo apresentem problemas de ordem mental (depressão, por exemplo), provocados pelos novos contextos sociais, tecnológicos e do mundo do trabalho.

O sentimento é o de falta de controle diante das incertezas do mundo, que, além de provocar o declínio da saúde da mente e do bem-estar emocional, pode comprometer a coesão social da qual dependemos.

Nos Estados Unidos, um estudo recentemente publicado pela empresa de seguros Cigna ouviu 20 mil jovens nascidos entre os anos de 1990 e 2010. Com base em questionários elaborados pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), a pesquisa apontou que 48,3% dos jovens se sentem sós ou isolados<sup>4</sup>.

Na apresentação das conclusões, David Cordani, presidente e CEO da empresa, resume: “A falta de conexão humana é a culpada por essa epidemia da solidão”.

Na Inglaterra, o governo da primeira-ministra Theresa May criou a **Secretaria da Solidão**<sup>5</sup>, com uma verba atribuída de 20

milhões de libras (cerca de 100 milhões de reais em 2019) para lidar com o fato de que **15% da população inglesa se declaram solitária**.

Uma das primeiras respostas ao problema está a cargo da Comissão de Combate à Solidão, que investiga em parceria com empresas e entidades do terceiro setor quais medidas podem ser implementadas.

Em Frome, cidade no distrito de Somerset na Inglaterra, uma iniciativa já apontou resultados sociais e financeiros: os médicos do principal hospital da cidade criaram um programa chamado **Conectores Comunitários**, cujos voluntários têm o papel de identificar pessoas solitárias na comunidade e trabalhar com elas, em parceria com as organizações locais do terceiro setor.

A base desse programa é explicada pela dra. Helen Kingston, do Centro Médico de Frome: “Desde que a humanidade vivia em cavernas, o ser humano se organizou em grupos para se defender dos predadores. Até hoje, o corpo humano interpreta a solidão como um risco, fazendo com que a pessoa que se sinta sozinha entre em um estado de hipervigilância como se o mundo fosse um lugar hostil. Isso aumenta os níveis de cortisol, o hormônio do estresse, enfraquecendo o sistema imunológico”.

Em pouco tempo, o programa Conectores Comunitários reduziu o número de internações no Centro Médico de Frome, propiciando uma economia ao governo de 2 milhões de libras. Cada **uma libra** investida gerou **seis libras** de resultado – um claro exemplo do que é o **lucro social** do qual falarei mais adiante.